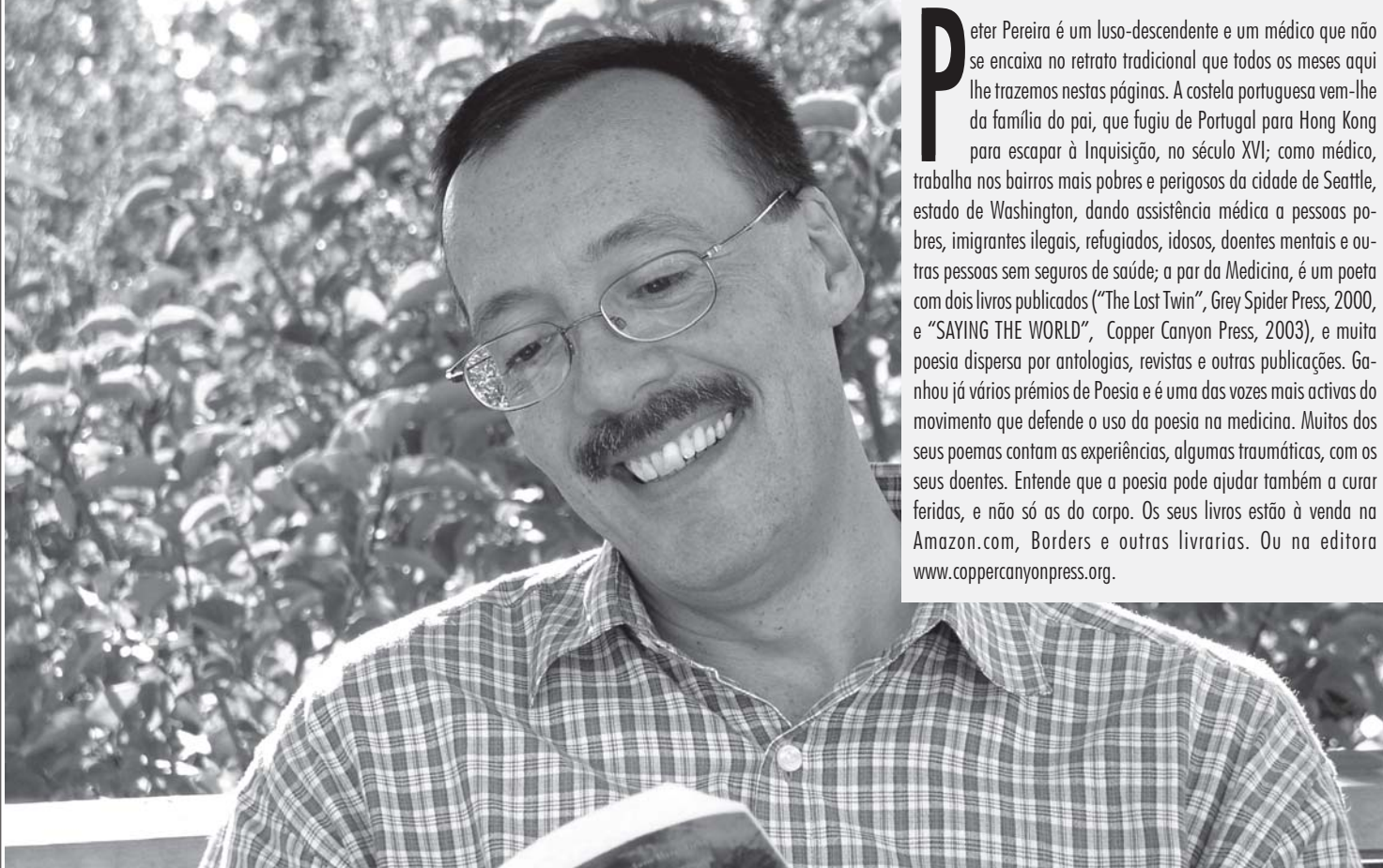


# PETER PEREIRA



**P**eter Pereira é um luso-descendente e um médico que não se encaixa no retrato tradicional que todos os meses aqui lhe trazemos nestas páginas. A costela portuguesa vem-lhe da família do pai, que fugiu de Portugal para Hong Kong para escapar à Inquisição, no século XVI; como médico, trabalha nos bairros mais pobres e perigosos da cidade de Seattle, estado de Washington, dando assistência médica a pessoas pobres, imigrantes ilegais, refugiados, idosos, doentes mentais e outras pessoas sem seguros de saúde; a par da Medicina, é um poeta com dois livros publicados (“The Lost Twin”, Grey Spider Press, 2000, e “SAYING THE WORLD”, Copper Canyon Press, 2003), e muita poesia dispersa por antologias, revistas e outras publicações. Ganhou já vários prémios de Poesia e é uma das vozes mais activas do movimento que defende o uso da poesia na medicina. Muitos dos seus poemas contam as experiências, algumas traumáticas, com os seus doentes. Entende que a poesia pode ajudar também a curar feridas, e não só as do corpo. Os seus livros estão à venda na Amazon.com, Borders e outras livrarias. Ou na editora [www.coppercanyonpress.org](http://www.coppercanyonpress.org).

## O médico-poeta dos pobres...

entrevista de António Oliveira

**Fale-nos um pouco das suas raízes portuguesas e dos seus pais. De onde eram eles naturais?**

Eu sou português por parte do meu pai. Os seus antepassados deixaram Portugal provavelmente na época da Inquisição, quando muitos judeus portugueses foram convertidos ao Cristianismo à força, ou tiveram de deixar o país. Os seus antepassados fixaram-se em Macau e Hong Kong. O mais interessante é que o meu pai foi criado na religião católica e era, por isso, católico.

**O que lembra dos seus avós? Eles falavam português e mantinham-se ligados à cultura portuguesa?**

A família do meu pai falava uma mistura de português, chinês e inglês. Eles faziam parte de uma grande e antiga comunidade portuguesa de Hong Kong. O meu bisavô era pro-

fessor na Universidade de Hong Kong. Infelizmente, muitos dos meus familiares da parte do meu pai morreram durante a invasão japonesa na Segunda Grande Guerra Mundial.

**E o seu pai, falava português?**

Sim, um pouco. O meu pai cresceu no seio da comunidade portuguesa de Hong Kong e frequentou o colégio jesuíta Gonzaga, desta cidade. Mais tarde alistou-se na Marinha inglesa e foi operador de rádio num submarino.

**E quando emigrou ele para os Estados Unidos e porquê?**

Um soldado americano estacionado em Hong Kong, depois da guerra, apresentou um dia a sua irmã ao meu pai. Os dois começaram a trocar correspondência como “pen pals” durante três anos, e assim se apaixonaram. O meu pai conseguiu então uma passagem de barco para os Estados Unidos e acabou por casar com a minha mãe em Walla Walla, Wa-

shington, em 1949. Ele trabalhou durante muitos anos como vendedor para a Singer Sewing Machine e a minha mãe, depois de ter criado os filhos, trabalhou como ajudante de enfermeira.

**E o Dr. Pereira nasceu onde?**

Eu nasci em Spokane, Washington, em 1959, o quinto de 10 filhos que os meus pais tiveram. A nossa família mudou-se para Seattle logo a seguir à Feira Mundial de 1962 e desde então sempre aqui viveu. Actualmente são 19 netos e a maioria dos Pereiras na lista telefónica de Seattle são membros da nossa grande família.

**E o seu pai ensinou-lhe a falar português?**

Infelizmente não. Nem português nem chinês. Naquele tempo o seu grande objectivo era tornar-se cidadão americano, e por isso o seu grande esforço foi aprender bem inglês e perder o sotaque de modo a integrar-se nesta sociedade. Foi pena, pois eu adorava saber

# “Fico envergonhado quando penso que um dos países mais ricos e avançados do mundo não possui um sistema de saúde universal”

diz o Dr. Peter Pereira criticando o sistema de saúde norte-americano



O Dr. Peter Pereira com os seus doentes em Seattle, WA

mais sobre estas línguas e sobre o seu passado. Ele morreu em 1984. Mesmo assim ele ensinou a minha mãe a cozinhar alguns dos seus pratos favoritos da cozinha portuguesa. Um deles que eu recordo chamava-se “Minchi” e era um bife muito picante com feijões e vegetais.

**E você, já esteve em Portugal?**

Não, mas tenho uma viagem a Lisboa planeada esta Primavera. Penso que é uma maneira de completar o círculo da minha família.

**Acha que a sua ancestralidade portuguesa influenciou a sua personalidade?**

Não sei dizer, mas pela a experiência que tenho com pessoas de origem portuguesa que conheço, acho que herdei dos portugueses, além das feições do meu rosto, o seu amor por uma vida calma e o gosto pelas comidas à base de peixe.

**Ser médico era um sonho de criança?**

Não foi bem um sonho, mas uma decisão baseada numa experiência de criança. Muito novo perdi uma irmã com 5 anos por causa de diabetes que não foi diagnosticada, e isso contribuiu para eu decidir seguir medicina. Desde sempre desejei ajudar as outras pessoas e servir a comunidade de modo a fazer a diferença nas suas vidas. E como eu era muito bom em ciências, no colégio, além de ser uma pessoa dedicada aos outros, a medicina pareceu-me o campo ideal.

**Hoje exerce medicina nas áreas mais pobres de Seattle? Porquê?**

Após terminar o curso de Medicina fiz o meu estágio em Medicina da Família na Universidade de Washington, um dos melhores programas do país. Nos últimos 14 anos tenho trabalhado na High Point Community Clinic em West Seattle. High Point faz parte de um ‘network’ de clínicas baseadas em Seattle que servem pessoas de parques recintos. O nome da nossa organização é Puget Sound Neighborhood Health Centers e a nossa missão é fornecer cuidados de saúde de alta qualidade a todos, independentemente se eles podem pagar ou não. Nós temos 7 clínicas, uma delas maternidade, 5 clínicas dentárias, a maioria localizadas em áreas de habitação social ou nas zonas mais pobres da cidade; também gerimos 5 centros de saúde juvenil localizadas em escolas secundárias nesses bairros pobres.

Os nossos pacientes são oriundos de todos os extractos sociais, mas a maioria vêm de famílias pobres, sobretudo jovens. São imigrantes, refugiados, residentes em projectos de habitação social, trabalhadores sem seguros de saúde, idosos e doentes mentais. Por outro lado são oriundos de várias culturas, falando mais de 24 linguagens diferentes e representando grupos étnicos um pouco de todo o mundo. No meu caso, um terço dos doentes são de origem asiática, a maioria vietnamitas, cambojanos e samoanos; outro terço são afro-americanos e imigrantes da África Oriental (Somália, Eritreia, Etiópia, etc.) e o resto uma

mistura.

Eu faço parte de uma equipa de 5 médicos, 3 assistentes e 2 enfermeiros que fornecemos os cuidados primários de saúde a toda esta gente. Também sou o supervisor de médicos e de enfermeiros estagiários. Três dias por semana vejo doentes nas clínicas, além de fazer o banco das urgências. Todos os médicos nestas clínicas trabalham aqui em “part-time”, pois faz parte da própria cultura deste trabalho os médicos e profissionais terem outras ocupações além da medicina, quer seja ser pai ou mãe, professor, fotógrafo, viajante, poeta, escritor, etc. Eu penso que é isto que faz de nós pessoas interessantes, e evita que a gente rebente com o stress do trabalho. Eu adoro o que faço e é isto que quero fazer até ao resto da minha carreira médica.

**Lidar com esse tipo de pessoas tão diversificado deve ser também lidar com muitos problemas. Tem algumas histórias que queira partilhar connosco?**

Tenho muitas. Uma das minhas favoritas foi a daquela jovem da África Oriental que vivia em frente da clínica. Estava grávida e um dia telefonou, sem saber falar inglês, dizendo apenas “The baby. It comes out now”. Nós corremos para a casa e eu vi-me a ser parteiro sem querer, pois há anos que não assistia a um parto.

Outras histórias estão documentadas nos poemas que eu escrevo, como por exemplo este:

## Scald

Her toddler's pulled a pot  
of boiling noodles onto himself.

Now she's screaming in the ER  
as his chest and belly bubble  
and peel, his genitals and thighs  
turn scarlet - her Spanish a litany  
of coyote howls and moans.

She does not understand  
watching her baby's skin slough  
why we need her to leave him  
now, go with the social worker,  
let us do our task.

The IV pierces the boy's forearm.  
The oxygen mask covers his face.  
His beautiful face.

I think to myself: at least  
it spared  
his face.

**Qual é a sua opinião acerca do sistema de saúde americano? Acha que ele devia ser gratuito e universal?**

Eu penso que os cuidados de saúde são um direito, não um privilégio. Fico envergo-

nhado quando penso que um dos países mais ricos e avançados do mundo não possui um sistema de saúde universal. Espero que isso venha a acontecer um dia. Mas até lá, eu só trabalharei em locais que aceitem tratar todos os doentes, independentemente deles poderem ou não pagar.

#### Quanto começou a escrever poesia?

Muito antes de ser médico, eu já era poeta. Escrevi e publiquei alguns poemas e histórias durante a universidade, e se não tivesse entrado na Faculdade de Medicina, provavelmente teria tirado um mestrado em Literaturas Comparadas ou Escrita Criativa. Escrever, e ser escritor, sempre foram muito importantes para mim. Eu penso que a poesia, particularmente, é a linguagem da alma. Ler e escrever poesia mantém-nos em contacto com as profundezas do nosso ser.

**Muitos dos seus poemas contam experiências do seu trabalho. Como é que os leitores reagem? E os seus doentes, mostra-lhes o que escreve?**

Os poemas de temas médicos são geralmente os meus poemas mais conhecidos (isto se consideramos que um poeta algum dia é conhecido ou famoso por alguma coisa). Eu pen-

so que as pessoas são tocadas pelos pormenores específicos e imagens e a forma como as histórias de vida são relatadas no pequeno espaço que é um poema. Embora muitos dos meus poemas sejam inspirados em histórias verdadeiras de doentes e situações médicas, eu NUNCA revelo a identidade das pessoas e mudo pormenores como nacionalidade, sexo, idade, etc. Um dos meus poemas acerca de uma refugiada cambojana sobrevivente de Pol Pot é de facto uma montagem de várias histórias, e não apenas uma. Os meus doentes cambojanos que leram o poema pensaram que era sobre eles. E é verdade: é sobre eles e não é. É a história de todos eles.

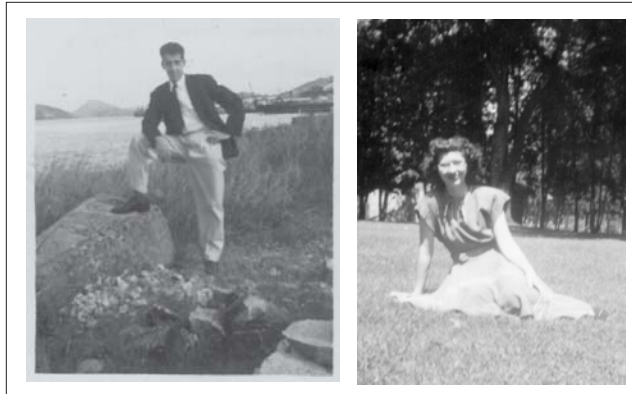
**Disse numa entrevista que os seus poemas podem ajudar a minorar o sofrimento dos outros e também o seu próprio. Em que medida? Escrever acerca dessas experiências não é uma forma de reviver o sofrimento?**

Eu escrevo acerca de experiências muito variadas, mas parece que aquelas que são as mais traumáticas, difíceis e negras fazem sempre melhores poemas. Como médico, eu assisto a muitas coisas no meu dia-a-dia. Coisa bonitas, tal como o nascimento de uma criança, o salvamento de uma pessoa na sala de reanimação, o curar de infecções horríveis, ataques, pneumonias, etc. Mas também sou testemunha de muitas coisas horríveis e experiências difíceis: abortos, crianças abusadas, acidentes de viação, jovens que morrem de cancro da mama, pessoas sem abrigo, doenças mentais crónicas e muito mais. O mundo está cheio de desordem, sofrimento, doença e morte. E todos os que são sensíveis e de espírito aberto acabam por ser profundamente afectados.

Escrever poemas é uma forma de falarmos com nós próprios acerca das experiências como médico e como servidor. Quando passo por uma experiência má ou algo trágico, escrever acerca disso é uma dupla acção de exprimir e conter a intensidade dos sentimentos e emoções que nos invadem. Por outro lado, quando nos sentimos impotentes perante os problemas, as longas horas de trabalho e a falta de meios, escrever e ler poesia pode ser uma forma de regressar aos nossos sentimentos e retornar ao mundo.

**Numa outra entrevista diz que vê a poesia como uma forma dos médicos concentrarem mais a sua atenção nos doentes. Isto que dizer que os poetas são mais humanistas que os médicos?**

Uma das coisas que eu descobri é que ler e escrever poesia pode ajudar a pessoa a ser um médico melhor, mas empático e humanista. Sobretudo, eu penso que ler e escrever poesia pode ajudar o médico a melhor entender e interpretar as 'histórias' dos doentes. O poeta



Os pais de Peter Pereira

e escritor Muriel Rukeyser disse um dia: "O mundo é feito de histórias, não de átomos". E eu acredito nisso. Nesta era de alta tecnologia, de medicina especializada, com todos os progressos, eu ainda passo a maior parte do meu dia como médico a ouvir e a decifrar as 'histórias' dos meus doentes.

Mais do que uma vez eu ouvi, ou li no relatório de um doente, a expressão "o doente é pouco falador" - "the patient is a poor historian" -, e interrogo-me se na maioria das vezes não seria mais correcto escrever que "o médico é um mau leitor da história do doente". Uma vez que os poetas são os peritos da linguagem - criando e interpretando narrativas, imagens, detalhes, metáforas, tonalidade, pontos de vista, silêncio - aprender a ler e a escrever poesia ajuda a melhor entender e decifrar o puzzle de palavras com que o doente às vezes o confronta.

Eu penso que a poesia é uma escrita muito centrada no coração, na alma e na pessoa. Com todos os avanços médicos, testes de DNA e coisas do género, às vezes perdemos contacto com a 'pessoa', a vida humana individual. E a poesia é uma forma de nos mantermos ligados. Depois de muitos anos de treino médico e de exercermos esta profissão, podemos ficar insensíveis, ou frios ao sofrimento e a essa verdadeira experiência do indivíduo como humano. A poesia é uma forma de nos mantermos sensíveis e empáticos. Na verdade, eu penso que o ensino de poesia nas faculdades de Medicina pode ser uma forma de desenvolver e incentivar a empatia. E ajudar os estudantes a encararem com naturalidade as diferenças, ambiguidades, os conflitos, as emoções intensas e os sentimentos de perda e resignação.

**Se não fosse poeta, a sua carreira médica seria diferente? Hoje pode separar estas duas actividades?**

Eu acredito que sempre praticarei medicina e escreverei poesia em medidas iguais. Adoro as duas e não podia viver sem elas. Em vez de dividir as minhas energias, penso que ser médico e poeta é um prazer a duplicar. Espero que estas duas actividades continuem a florir e a influenciar-se mutuamente até ao resto da minha vida.

#### Crossing the Pear

- for Arthur Pereira & Victor Pereira

The summer I turned twelve, my father and I discovered a half-eaten pear sprouting from the compost. We tied it to a fence, watered and watched two branches appear, then four.

There are twenty-eight pages of Pereiras in the Lisbon telephone book.

All summer and fall I watered, then one morning: nothing but bent twigs shriveled.

In my parochial school History books the Portuguese were beautiful men who dangled gold hoops from ear lobes and sailed the Seven Seas. They told nothing of the days of Inquisition, when for refusing pork, or changing linen on Fridays, over 200 Pereiras perished in Evora alone.

... the pear was forced into the mouth, rectum or vagina of the accused, expanded by force of a screw to the maximum aperture of its segments.

The venerable pear, my patronym.

Scattered across continents, expelled from garden to garden. If flight is no more than an admission of guilt, what was our crime?

Youngest of five brothers, my father stole rice from under the bayonets of Hong Kong's Japanese invaders, attended Catholic mass with [his widowed mother every day but Saturday.

Twenty-eight pages of Pereiras: the same as I would find in Rio, Sao Paulo, Managua, Macau ...

I bask in the shade of a spreading pear tree, laden with new fruit. The name of my father is all that's left of him, a vague sweetness, the taste of pear.

Poema dedicado ao pai, Arthur Pereira, e Victor Pereira, autor do livro sobre a Inquisição portuguesa "The Cross and the Pear Tree"